

O legado de Cora

TEXTO E FOTOS

DRA. HELLEN MARY DA S. DE CARVALHO

Foto: arquivo



Cora, em uma de suas últimas entrevistas.



Casa de Cora Coralina e o Rio Vermelho.

Era dezembro de 2013 e Goiás vinha sofrendo com as enchentes por vários anos seguidos. A cidade é cortada pelo Rio Vermelho, que quando transborda sai lambendo casarões centenários, igrejas barrocas, leva pontes de madeira e as ruas em pé de moleque, ameaçando tesouros com a força de suas águas. É nesse cenário que Goiás guarda a casa de Cora, a Casa Velha da Ponte. E já tinha passado da hora de irmos até lá.

*“Tenho um rio debaixo das janelas
Da Casa Velha da Ponte.
Meu Rio Vermelho”*
Cora Coralina

Goiás Velho já foi a antiga capital do Estado de Goiás. “Goiás Velho, não. Goiás”, como seus moradores preferem que seja conhecida. Fica em um vale ao pé da Serra Dourada e por sua natureza exuberante, arquitetura barroca e tradições seculares foi tombada pela Unesco, em 2001, como Patrimônio Histórico e Cultural Mundial.

Goiás fica a 314 km de Brasília, de onde chegamos ansiosos pelo frango ao molho de pequi e empadão goiano típicos da região, mas nossa vontade de conhecer o centro histórico naquele mesmo dia teve que ser adiada pelo maior pé d’água, que deixa a cidade velada pela escuridão da noite. Era tudo silêncio, surpresa e mistério e o farol do táxi só revela o chão em pé de moleque a caminho do hotel. Mas estávamos felizes por estar ali.

No dia seguinte, depois do café da manhã ao som dos barulhentos tucanos nas árvores, caminhamos a pé sob o céu nublado até a casa de Cora, que hoje funciona como museu. Imponente, a Casa Velha da Ponte foi edificada por escravos em meados do século XVIII e foi onde Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu em agosto de 1889 e morou por um longo tempo de sua vida. Mais do que moradia, a casa comprada por seu bisavô era personagem frequente em suas poesias. Filha de Francisco, desembargador nomeado por D. Pedro II, e de dona Jacyntha, uma mulher independente à frente do seu tempo que lia muito e de tudo, Anna tinha três irmãs.

"NASCI EM TEMPOS RUDES. ACEITEI CONTRADIÇÕES, LUTAS E PEDRAS COMO LIÇÕES DE VIDA E DELAS ME SIRVO. APRENDI A VIVER."

"Entre as quatro filhas de minha mãe ocupei sempre o pior lugar. Duas me precederam, eram lindas e mimadas. Devia ser a última, no entanto veio outra que ficou sendo a caçula. Quando nasci, meu velho pai agonizava e logo após morria. Cresci filha sem pai (...) Amarela, de rosto empalorado. De pernas moles, caindo à toa"

Cora Coralina

Em 1900, o gasto com o casamento de uma de suas irmãs em uma festa cheia de glamour deixou sua família endividada. Sua casa é alugada e todos se mudam para a Fazenda Paraíso, onde Cora vive por cinco anos e escreve seus primeiros versos. Começa a participar de saraus literários, onde os lê em público sem revelar sua autoria. Aos 14 anos, teve seu primeiro poema publicado, quando então ela mesma reconhece o seu valor. "Aninha, Nikita, Nikinha, Nikota, Doca, Doquinha, Doquita". Isso tudo quer dizer "Ana", dizia. A cidade era cheia de Anas e ela não queria que sua obra fosse atribuída a outra Ana mais bonita do que ela. Decide então criar seu pseudônimo: Cora. Saiu pelas ruas perguntando os nomes das moças até encontrar outra Cora. Não encontrou. Mas ainda era pouco. Cora Coralina soa melhor; "Coração Vermelho", em homenagem ao rio. Agora ela era única.

Cora cresce, escreve para vários jornais de Goiás e Rio de Janeiro, e começa a frequentar o Gabinete Literário Goiano, onde conhece Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, um advogado e jornalista de São Paulo, separado da mulher. Apaixonada, se entrega àquele homem e engravida. Sua mãe reprova a união, tenta esconder a gravidez da filha e Anna não vê outra saída: monta na garupa do "corcel branco do príncipe dos seus sonhos" e, aos 21 anos, foge para São Paulo como uma forma de libertação de sua família, que tentava moldá-la aos rigores da época. Mas não sem antes conhecer a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, frequentada por grandes poetas e escritores famosos. É nessa época que ela passa a usar o pseudônimo de Cora Coralina.

Cora vive em São Paulo, onde teve seus seis filhos. Casar foi o mesmo que trocar o controle da família pela repressão do marido ciumento, 22 anos mais velho do que ela,



Vista por uma das janelas da igreja histórica.

sem arrependimentos. Viúva aos 40 anos, promete que enquanto pudesse trabalhar não se queixaria de cansaço. Aos 48 anos, faz votos de humildade e pobreza à Ordem Terceira de São Francisco, recebendo o nome de Irmã Conceição.

"Senhor, fazei com que eu aceite minha pobreza tal como sempre foi. Que não sinta o que não tenho. Não lamente o que podia ter e se perdeu por caminhos errados e nunca mais voltou"

Cora Coralina

Durante sua vida, Cora escreve em jornais, recebe elogios de Monteiro Lobato, é mão de obra na construção de asilo, capina, vende livros, planta e vende rosas. Faz reivindicações a favor dos pobres, crianças e idosos, escreve o estatuto dos comerciantes, apoia a Revolução Constitu-

cionalista e sobe em palanques com a enxada nas costas pela reforma agrária. Dona de sítios, planta algodão, aluga o pasto para o descanso das boiadas e fala sobre a preciosidade de ser lavrador. Aos 65 anos, Cora vende seus bens a seu filho e decide voltar a Goiás para resolver negócios da família com a promessa de voltar. Mas não volta. Ela está pobre e sozinha. Faz doces para vender e guarda dinheiro para ter a Casa Velha da Ponte de volta.

*“Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras
e faz doces. Recomeça”*

Cora Coralina

Cora escreve à mão sem dominar a gramática até os 70 anos, quando então ela entra para uma escola de datilografia e leva seus escritos datilografados para a Editora José Olímpio, uma exigência para avaliação do artista. Aos 75 anos, teve seu primeiro livro publicado, *Poema dos becos de Goiás e histórias mais*. Alfabetizada na infância durante dois anos graças à dedicação e insistência de uma professora 50 anos mais velha do que ela, deixa em *Vintém de Cobre* uma homenagem à sua mestra.

“Não houve de minha parte nenhuma despreocupação e nenhum desligamento no que se relaciona à métrica e às rimas, mas uma impossibilidade psicológica e até biológica de me enquadrar. Eu bem que tentei, mas nada consegui, nem sequer armar uma quadra. E na impossibilidade de ser uma poetisa como eu desejava, vaidosamente, passei a escrever em prosa, e já se dizia, naquele tempo, que eu escrevia poesia em prosa. Mas só me achei totalmente liberada para escrever meus poemas depois que a poesia liberou-se do rigor da métrica”.

Cora Coralina

Um dia, em 1979, Cora Coralina recebe uma carta de Carlos Drummond de Andrade. O poeta não a conhecia, mas havia lido o que ela escrevia e a partir de então é reconhecida pelo Brasil como poetisa. Ela tinha 90 anos.

“Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia”

Carlos Drummond de Andrade



Vista de uma das ruas do centro histórico, tendo em primeiro plano a Igreja Nossa Senhora d'Abadia.

A casa de Cora esteve sempre aberta aos visitantes para a venda de doces, poesias e para jogar conversa fora. Hoje, continua com os móveis no lugar, quadros nas paredes e uma estante cheia dos mais diversos títulos ocupando um espaço maior do que aquele onde guardava seus vestidos. Há livros de receitas, do espírito Divaldo Franco, do poeta Pedro Nava, biografia do Che. Seus tachos de cobre ficam sobre o fogão de lenha e a nascente de água fresca ainda passa pelo porão onde Maria Grampinho preferia dormir, uma andarilha a quem ela acolhia sem pedir nada em troca.

Em 1984, torna-se membro da Academia Goiana de Letras e recebe o grande prêmio de crítica da Associação Paulista de Crítica de Arte, o troféu Juca Pato. No ano seguinte, em 10 de abril, Cora se despede da vida aos 95 anos.

“Na minha alma, hoje, também corre um rio, um longo e silencioso rio de lágrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre, até afogar e submergir na tua profundez sombria a intensidade da minha dor.”

Cora Coralina

Cora dizia que a melhor idade para se viver está entre 50 e 75 anos, que é quando se tem a certeza, segurança, personalidade plena, filhos criados e netos batizados. Viveu sempre pelo amor e otimismo. Ficou eternizada em selo, disco, livros, documentários e filme. Mas em sua Goiás ainda é lembrada por seus doces gostosos cuidadosamente embalados em fitas. ❶